



A MINHA ECONOMIA

JOANA
GAMA

A partir de uma conversa com

SUSANA MOREIRA MARQUES

BRUNO SIMÃO



Creio que hoje estou, em palco, mais livre

Até ao concerto são horas de trabalho solitário, lento, paciente. Mas, pelo momento de estar em palco e chegar às pessoas através da música, decidi ser pianista. Tem mãos com dedos finos, mãos pequenas, mãos que poderiam não ser de pianista, mas são. Não se vê como uma virtuosa, mas como alguém que procura – e vai encontrando – o seu próprio caminho numa história que talvez tenha tido demasiados génios. Estudou em Braga, Londres, Lisboa. Vive em Guimarães e faz um doutoramento em Évora. Vai estar na Festa da Música do CCB este fim-de-semana. Gosta de tocar música contemporânea que não perdeu emoção. Gosta de tocar compositores portugueses e de trabalhar com compositores vivos, para ver acontecer a criação, para tocar algo pela primeira vez. Aprendeu que uma noite em palco nunca é igual a outra e que todas são importantes, independentemente de quantas pessoas estejam lá a assistir a essa magia da música a amadurecer.

1

Ensaiar para um concerto é um trabalho solitário. Primeiro, há a escolha das obras, depois o trabalho individual em cada uma, e, numa fase seguinte, o trabalho de gerir a energia para o concerto inteiro, da primeira à última peça.

É um trabalho lento: ler a partitura, perceber como é que a partitura funciona, estudar as notas, primeiro das mãos separadas, depois começar a juntar as mãos e as peças do puzzle, tocar secções.

É um trabalho progressivo, que exige muita paciência. Às vezes, acho que não tenho paciência, mas depois penso no tempo que passo em frente ao piano, a tentar melhorar pequenos detalhes, e realmente vejo que tenho muita paciência.

2. Vivo em Guimarães, onde tenho um óptimo sítio para estudar piano, com luz natural, e com vizinhos que não se queixam. Tenho um piano de cauda, que os meus pais me compraram quando tinha 15 ou 16 anos, quando decidi que queria mesmo seguir música.

Antes, tinha um piano muito fraquinho, que os meus pais compraram quando eu era criança, não sabendo quanto tempo é que ia aguentar a estudar piano. Eu era hiperactiva e as probabilidades de que me aguentasse numa actividade que requer estar sentada tanto tempo não eram muitas. Talvez nas aulas não conseguisse ficar quieta, mas no pia-



no, de facto, conseguia ter essa disciplina: tinha em vista uma coisa boa para mim, que era tocar bem.

3. Há muita tensão, que se começa a viver dias antes, às vezes meses antes, do momento do concerto. Mas depois há qualquer coisa que só acontece em palco: a música chega às pessoas. Quando toco em palco há uma comunicação que se opera ali, que sinto fisicamente e que me muda. É muito especial e compensa todas as fases complicadas do trabalho.

Foi o gosto por estar em palco que me fez seguir música, sem saber exactamente o que ia ser a minha vida. Porque, na altura em que tomei essa decisão, achava pouco provável conseguir ter a vida que tenho hoje: dar tantos concertos, estar envolvida em tantos projectos musicais e de outras áreas artísticas.

4. Não se tornou mais fácil ser músico em Portugal, mas é preciso fazer escolhas. Talvez muitas pessoas prefiram escolhas mais confortáveis: dedicam-se a dar aulas para terem um salário e fazem o seu trabalho pessoal nos tempos livres. Durante algum tempo, dei aulas na Metropolitana e só fazia concertos de vez em quando. Deixei de dar aulas em 2010, quando percebi que tinha de canalizar a minha energia



para aquilo que eu realmente queria fazer. De certa forma, não foi uma decisão difícil, porque nunca passei mal, nunca estive muito tempo sem trabalho. Neste momento tenho concertos agendados até ao final do ano e isso dá-me algum conforto. Não sei como é que as coisas vão estar daqui a dois anos ou três, mas não vale a pena pensar muito nisso.

No discurso que a Alexandra Lucas Coelho fez na Fundação Gulbenkian, quando recebeu um prémio [Grande Prémio de Romance e Novela APE], ela disse algo como: "Que cada um faça a sua coisa. Faça o que tem a fazer." Se não formos nós a fazer o que queremos fazer, não faz sentido.

5. Toco muitos compositores portugueses e o meu doutoramento é sobre música contemporânea portuguesa.

Passei um ano em Londres, na Royal Academy of Music, onde os intérpretes faziam muito trabalho de colaboração com os alunos de composição. Quando regressiei, com essa lufada de ar fresco, comecei a disponibilizar-me para tocar peças de colegas compositores. Cá, havia uma certa desconfiança. E havia um pouco aquela ideia de que primeiro os intérpretes tinham

de estudar muito Bach, Beethoven e Chopin, e só depois é que podiam começar a tocar música contemporânea.

Gosto muito da dinâmica de estar a ver uma obra nascer e de a poder tocar pela primeira vez. Muitas vezes os compositores não conhecem assim tão bem o instrumento, e há especificidades que só os intérpretes podem dar. O compositor, por mais que saiba que o piano tem x notas, não sabe, por exemplo, se é possível fazer determinado salto rápido com a mão esquerda. Este trabalho de pôr as mãos na massa e ajudar a concretização de uma obra é incrível.

Também foi muito importante para mim o encontro com a coreógrafa Tânia Carvalho, com quem tenho trabalhado. A partir dessa colaboração, começaram a surgir outros projectos ligados à dança, e essa participação em processos de criação de dança deu-me outra perspectiva. E influenciou a minha maneira de estar em palco. Creio que hoje estou, em palco, mais livre.

6. Portugal, em geral, tem pouco público para a música clássica e para o tipo de música que eu faço. É uma coisa de uma minoria. Mas acho que a única maneira de atrair

pessoas é continuar a fazer.

Acabei de dar um concerto em Évora, no departamento onde estou a fazer o meu doutoramento, com o mesmo repertório que tinha preparado para um concerto na Gulbenkian. Era uma quarta-feira, às 18h30, e imaginei que um concerto de um compositor pouco conhecido, com uma pianista que não é muito famosa, não teria muito público. Pedi para fazerem dez folhas de sala e apareceram vinte e tal pessoas. Foi eu que propus fazer esse concerto, podia não o ter feito – e aquelas vinte e tal pessoas não o teriam ouvido. Acho que é através destes pequenos gestos que se vai criando uma necessidade por mais música.

É preciso fazer um esforço para divulgar a música e fazer coisas apelativas, mas também é preciso continuar a fazer coisas que são para quatro ou cinco pessoas irem ver. O John Cage fez coisas para meia dúzia de gatos-pingados, mas foram coisas que tiveram muito impacto. Outro dia, um amigo dizia-me, em relação a esta questão de estarem muitas ou poucas pessoas: também houve aquela refeição em que só estavam 13 pessoas e ainda hoje se fala dela. **W**